

# A crítica que falta

OS ALTOS índices de desistência e de reprovação nos primeiros anos dos cursos universitários apontam para uma desarticulação entre o Segundo Grau e a universidade brasileira que não se limita ao cabedal e valor dos conhecimentos apresentados pelos candidatos ao ingresso no Terceiro Grau.

NÃO HÁ dúvida quanto à ausência de base: turmas do primeiro ano universitário são literalmente dizimadas por desistências e reprovações; ou as universidades apelam para a alternativa de abdicar de seu nível acadêmico, empreendendo uma recuperação de conteúdos do Segundo Grau.

MAS será este o grande vilão da crise, como denunciam os educadores e professores ouvidos pelo GLOBO? Não será a desarticulação também vício estrutural de um aprendizado organizado em graus, que teria mais a ver com os regulamentos das corporações de ofícios da Idade Média, que com a universalização e democratização do saber humano?

A PRÓPRIA universidade brasileira instalou-se sobre a desarticulação, referendando-a de alguma sorte, ao fazer do concurso vestibular a via de ingresso no Terceiro Grau.

SOB qualquer nome, o vestibular sempre foi um concurso; e sempre se colocou à universidade brasileira. Ora, um concurso não é jamais um exame, uma verificação de uma qualificação preestabelecida como fundamental e básica. É uma avaliação relativa — do candidato em seu respectivo grupo. Avaliação relativa que permanece, mesmo depois de terem as universidades liquidado com a farsa e desastre do vestibular meramente classificatório. Essa falha interna pode ser a bomba de efeito retardado, fator das desistências e reprovações de depois.

À FALTA de base soma-se o despreparo psicológico, a imaturidade: o aluno sai de um estilo quase individualizado de ensino, ou paternalista, para cair no estilo massificador e de salve-se quem puder da universidade; ou tem que optar por uma especialização, previamente a uma definição de vida.

O PROBLEMA, entretanto, estará ao alcance de nossas instituições educacionais e será pelo menos atenuado com a ênfase sobre questões discursivas nos vestibulares? Esse inegável avanço pedagógico só permitirá um diagnóstico melhor, um perfil mais delineado do candidato; mas não contém em si a solução.

A organização do ensino brasileiro em graus contribui para o retardamento da maturidade: quando se abandona a universidade também por falta de condições econômicas, é porque o ensino de Terceiro Grau, na filosofia educacional brasileira, não se conciliou ainda com as responsabilidades normais da vida adulta.

ENQUANTO isso, os amadurecidos e quantos conseguiram vencer no mercado de trabalho acham-se sem condições de reciclagem e de uma especialização plenamente assumida, pela simples falta de um diploma de Segundo Grau, ou por uma justificada inapetência pelo formalismo da assiduidade a preleções.

OS professores universitários se queixam, com razão, de flagrantíssimas deficiências na educação de Segundo Grau. Por sua vez, os que conseguem o feito de vencer com maior mérito a barreira dos vestibulares são frequentemente os primeiros a se decepcionar com a universidade, sem atinar bem com o porquê. Entre uma crítica e outra, há uma terceira que, no Brasil, não se teve ainda a coragem de fazer, na ciranda de titulares a que se tem submetido o Ministério da Educação: a crítica à índole arraigadamente corporativista de nossas instituições de ensino; e da universidade, em particular.